



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ CEARÁ)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO
DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

**CULTURA, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA RELAÇÃO
DIALÓGICA NA PRODUÇÃO DE CUIDADO COLETIVO ENTRE
MULHERES**

**EUSÉBIO-CE
JULHO DE 2020**

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

**CULTURA, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA RELAÇÃO
DIALÓGICA NA PRODUÇÃO DE CUIDADO COLETIVO ENTRE
MULHERES**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização
em Educação Popular e Promoção de Territórios
Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientadora: Dra. Mercês de Fátima dos Santos
Silva

EUSÉBIO – CE
JULHO DE 2020

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48c Oliveira, Paula Érica Batista de.
Cultura, Saúde Mental e Educação Popular: Uma Relação
Dialógica na Produção de Cuidado Coletivo entre Mulheres. /
Paula Érica Batista de Oliveira. – 2020.
42 f. : il. : color.

Orientadora: Profa. Dra. Mercês de Fátima dos Santos
Silva.

TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção de
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. Cultura. 2. Saúde Mental. 3. Educação Popular. 4.
Cuidado. 5. Mulheres. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

CULTURA, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA RELAÇÃO
DIALÓGICA NA PRODUÇÃO DE CUIDADO COLETIVO ENTRE MULHERES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mercês de Fátima dos Santos Silva – (Presidente /Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi
– Campus Santa Cruz

Profa. Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Profa. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas
Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza

Data da Aprovação: ____ de ____ de 2020

EUSÉBIO-CE

Sumário

1. SEMEADURA	1
2. COLHEITA	9
3. TERRITÓRIO(LUZ)AÇÃO: A PALAVRA COMO DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS.....	11
4. A PALAVRA POÉTICO-NARRATIVA-BULIÇOSA DO CUIDADO	16
4.1. O ponto de partida: o sol.....	17
4.2. As perguntas iniciais: o cata-vento à espera de acontecimento	19
4.3. A recuperação do processo vivido: a chuva e o plantio.....	20
5. AS REFLEXÕES DE FUNDO: a colheita, o tempo de fartura... ..	27
6. OS PONTOS DE CHEGADA: o festejo, a gratidão... ..	29
REFERÊNCIAS	35

RESUMO

O Brasil do ano 2020 está submerso num processo de perdas imensuráveis decorrentes da pandemia da COVID-19 e que têm impactado diretamente nas populações em situação de maior vulnerabilidade social. Engendrado como nunca numa conjuntura política com práticas genocidas, excludentes e violentas, o cenário brasileiro está propício para a retomada da cultura manicomial, nos impelindo a pensar em novas formas de cuidado no campo da saúde mental. O trabalho aqui apresentado com o tema “Cultura, saúde mental e Educação Popular: uma relação dialógica na produção de cuidado coletivo entre mulheres” trata-se de uma narrativa autobiográfica, simbolizada poeticamente através da palavra (oral e escrita), reproduzida nos diálogos realizados em terapias grupais e individuais entre mulheres atendidas no Espaço Terapics, espaço de cuidado em práticas integrativas e populares em saúde, localizado no município de Currais Novos/RN. Trago como objetivo geral, identificar os impactos da interlocução entre saúde mental, cultura e educação popular no processo de construção do cuidado coletivo de um grupo de mulheres, e como objetivos específicos identificar como as experiências de cuidado dialogam com a cultura e a educação popular, analisar como as práticas de cuidado desenvolvidas contribuem para o protagonismo das mulheres atendidas e analisar como o uso da palavra, em suas mais variadas expressões, contribuiu na promoção do cuidado em saúde dessas mulheres. Através da sistematização realizada, as práticas de cuidado, realizadas por meio de círculos de cultura, foram se desenrolando num bordado delicado, individual e coletivo, onde cada subir e descer da linha seguia o mesmo ritmo, transformando-nos, e provocando um processo libertador de mudança e de protagonismo.

Palavras-Chave: Cultura; Saúde Mental; Educação Popular; Cuidado; Mulheres; Palavra.

ABSTRACT

Brazil is immersed in a process of immeasurable losses resulting from the COVID-19 pandemic and which has directly impacted populations in situations of greater social vulnerability. Engaged as never before in a political context with genocidal, exclusionary and violent practices, the Brazilian scenario is conducive to the resumption of asylum culture, impelling us to think about new forms of care in the field of mental health. The work presented here with the theme “Culture, mental health and Popular Education: a dialogical relationship in the production of collective care among women” is an autobiographical narrative, symbolized poetically through the word (oral and written) reproduced in the dialogues, carried out in group and individual therapies among women treated at Espaço Terapics, a space of care in integrative and popular health practices, located in the city of Currais Novos / RN. I bring as a general objective, to identify the impacts of the dialogue between mental health, culture and popular education in the process of building collective care for a group of women, and as specific objectives to identify how the experiences of care dialogue with culture and popular education, to analyze how the care practices developed contribute to the role of the women attended and to analyze how the use of the word, in its most varied expressions, contributed to the promotion of health care for these women. Through the systematization carried out, the care practices, carried out by means of culture circles, were unfolded in a delicate embroidery, individual and collective, where each up and down the line followed the same rhythm, transforming us, causing a liberating process of change and protagonism.

Keywords: Culture; Mental health; Popular Education; Care; Women; Word.

1. SEMEADURA

*É preciso aprender a semear com a máquina do tempo.
É vital, mais que vital, inventar:
vida e verdades, sonhos e realidades;
razão com alegria bailando
sobre o espelho das águas perenes.*

Ray Lima

Este trabalho é o resultado de um afloramento vivido no Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, promovido pela FIOCRUZ- CE, onde meu fazer artístico converteu-se ao meu fazer profissional de assistente social e de educadora popular, me impulsionando a caminhar por esse atravessamento de diálogo entre a saúde mental, a cultura e a educação popular como um potente caminho de cuidado.

Submersos em uma conjuntura política de total desmonte dos direitos sociais e das políticas públicas, questões como a segregação entre as populações, o racismo, a lgbtfobia, o feminicídio, a intolerância religiosa, a pobreza e a desigualdade social nunca ganharam tanta força como nos dias atuais. Assolados pela pandemia da COVID-19, a solidão, o medo, a ansiedade e o suicídio são os impactos diretos impostos pelo isolamento social e o adoecimento psíquico tomou uma dimensão imprevista, nos impulsionando a pensar novos formatos de cuidado psicossocial.

Fazendo um resgate histórico, iniciamos pela Lei 10.216 de 2001, que prevê a política de saúde mental no Brasil e que possibilitou a construção de novos saberes e de uma cultura baseada numa rede territorial, comunitária e compartilhada, onde os sujeitos assumem um papel social, antes inalcançável. Daí nascem possibilidades como a desinstitucionalização, desmedicalização e o protagonismo de usuários e familiares que se propagou e se fortaleceu através da luta antimanicomial e da implantação de serviços substitutivos como os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS, desconstruindo a lógica hospitalocêntrica e medicalizadora e desenhando novos traços de possibilidades de cuidado em saúde mental.

Para Amorim e Severo (2019), “os novos serviços de saúde mental foram se ampliando ao longo dos anos e abarcando áreas cada vez mais abrangentes da vida de seus usuários, transformando, assim, seus projetos de tratamento em projetos de vida”.

Nessa perspectiva, nasceu em 2005 o CAPS Maria Vênus Cunha, localizado em Currais Novos, na região do Seridó potiguar, num cenário absolutamente manicomial, onde o hospital Dr. Milton Marinho, em Caicó, era a referência para a região. Com um longo histórico de abusos e horrores, culminando na morte de um dos internos, o hospital encerrou esse capítulo trágico em 2006, com seu fechamento e após uma verdadeira revolução por parte dos profissionais da região, usuários e familiares, num movimento similar aos dos anos 1980, quando nasceu o Movimento Nacional de Luta Antimanicomial com o lema “por uma sociedade sem manicômios”. Nesse período o Seridó inaugurou uma nova passagem na condução e construção da saúde mental da região. Foram implantados os CAPS de Caicó, Currais Novos, Parelhas e Jucurutu, num movimento coletivo que ganhou força e rompeu as barreiras do medo, do preconceito e da exclusão.

Como participante desse processo desde suas bases, ainda como voluntária, meu fazer profissional encontrou-se a partir do diálogo entre a Cultura, Saúde Mental, e Educação Popular, construindo um processo de movimento e dinamicidade intensos para além dos muros do CAPS. Muitas experiências se entrecruzaram entre os CAPS do Seridó, na tentativa de desenhar outras formas de cuidado onde os sujeitos fossem protagonistas de sua história e do seu processo de cuidado.

Intervenções teatrais, musicais, poéticas, projetos de artes plásticas tomaram uma dimensão nunca vista na região, fortalecendo no Estado o movimento de luta antimanicomial. Os índices de internações psiquiátricas caíram desenfreadamente, as relações familiares foram reconstruídas e os vínculos com o CAPS fortaleciam-se cada vez mais, onde usuários, famílias e sociedade faziam parte de uma nova perspectiva de cuidado e co-responsabilidade social no âmbito da saúde mental.

Acerca das experiências envolvendo arte, cultura e saúde mental, Amarante e Torri (2017) referem que elas estariam realizando rupturas significativas ao paradigma psiquiátrico, pois têm possibilitado a ampliação dos espaços de cidadania e circulação social das pessoas em sofrimento psíquico grave.

Nesse contexto, a arte e a cultura assumem também um papel político de transformação, ultrapassando a fronteira unilateral da terapia e se tornando um instrumento de ocupação e de cidadania, abarcando a amplitude e diversidade do cotidiano desses sujeitos e sua relação com o território e a comunidade. Partindo desse pressuposto, Amarante e Costa consideram que “a diversidade cultural deve ser entendida em seu contexto de grande complexidade envolvendo as relações com

pobreza, periferia, raça, religiosidade, sexualidade e todas as situações que requer o respeito ao outro no convívio social” (Amarante e Costa, 2012, p.8).

Quando nos debruçamos para o campo da cultura, muitas são as contribuições que se encontram nesse fenômeno pororoca que ela traduz, provocando essa constância de movimento rebuliçado onde a autonomia, a identidade, o pertencimento ganham força e se dissipam entre gerações, grupos, entidades, comunidades e povos num profundo legado emancipatório entre os sujeitos que imergem nesse experienciar.

Para Brandão (1985:88) a cultura “é um processo e, ao mesmo tempo, o substrato de situações de enfrentamento e luta por hegemonia, autonomia, domínio, resistência e, no limite, sobrevivência”.

Chauí (2008) historiciza, nos apresentando a tradução filosófica da cultura, partindo da sua gênese e seguindo rumo aos caminhos intercalados aos processos civilizatórios da humanidade.

Oriunda do latim, do verbo *colere*, cultura originalmente significa o cultivo, o cuidado que simbolicamente está relacionado ao cultivo com a terra, através da agricultura; com as crianças, através da puericultura e com os deuses e o sagrado, através do culto. Essa concepção de cultivo está relacionada à realização de potencialidades no sentido de brotar, aflorar, dar frutos. Seguindo seu curso de significâncias, no Iluminismo, século XVIII, a cultura traz um conceito relacionado à civilização de uma sociedade ligada à ideia de tempo, linear e evolutivo, tornando-se sinônimo de progresso (Chauí, 2008, p. 55).

Já no século XIX, a cultura sofre mutação sendo conduzida como a diferença entre natureza e história, assumindo o humano propriamente dito através da “capacidade humana de relacionar-se com o ausente e com o possível por meio da linguagem e do trabalho” (Chauí, 2008, p. 56).

Somente a partir da segunda metade do século XX sua concepção se amplia, com influências marxistas e antropológicas, onde a cultura “exprime, de maneira historicamente determinada e materialmente determinada, a ordem humana simbólica com uma individualidade própria ou uma estrutura própria” (p. 57).

A partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas de trabalho, das formas de habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das

relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (Chauí, 2008, p. 57).

Entendemos que a relação social construída historicamente acerca da cultura se reproduz de acordo com a divisão de classes, criando-se uma fragmentação cultural, de um lado com a cultura formal e do outro com a cultura popular. O distanciamento entre uma e outra desenha, segundo Chauí (2008), “nomes variados: pode-se falar em cultura dominada e cultura dominante, cultura opressora e cultura oprimida, cultura de elite e cultura popular”.

Porém, mesmo que a custa de muitos enfrentamentos - como nos diz Brandão (1985) - a cultura traz em todas as suas possibilidades caminhos potentes de reconstruções sociais, protagonismos e emancipação. Seja na sua origem de cultivo e afloramento, na sua relação com o progresso ou com a Filosofia e Antropologia, a cultura se apresenta como um instrumento de autonomia e de identidade que constrói a história da humanidade, criando-a e recriando-a, num constante movimento de resistência, coletividade, diversidade e criatividade.

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. O papel ativo do ser humano em sua e com sua realidade. O sentido da mediação que tem a natureza para as relações e comunicações dos homens. A cultura como acrescentamento que o ser humano faz ao mundo que ele não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. De seu esforço criador e recriador. O ser humano, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1963, p. 17)

A Educação Popular, por sua vez, transversaliza essa relação, fazendo uma travessia circular promovendo um movimento buliçoso e agregador na promoção da saúde, onde “a arte, a cultura, em especial, o diálogo multicultural podem ser facilitadores dos processos educativos, mobilizatórios e participativos, contagiando os territórios com leveza e alegria, sem perder de vista a politicidade e a problematização” (BRASIL, 2016).

É por meio da Educação Popular e dos seus princípios de diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do Projeto Democrático e Popular que a fazedura de uma cultura de cuidado se expande pelos territórios num elo de solidariedade, de afetos, de agregamento dos saberes populares e de uma raiz regada pelo esperançamento.

A educação popular difere do treinamento ou da simples transmissão de informações, pois estimula a criação de um senso crítico que provoque o entendimento, o comprometimento e a capacidade de reivindicar, de formular propostas e transformar, por meio de um processo, que a partir da ação gera-se reflexão e desta uma nova ação. (PELOSO, 2005, p.26).

Assim como numa ciranda onde o grupo está ligado ao entrelace de mãos, com um rodopiar de vidas e histórias, de desejos e inquietudes, conectando-se a uma intensidade que naturalmente se entende e segue seu fluxo, a Educação Popular trilha esse movimento, humanizando, fortalecendo e promovendo um ritmo onde todos esses sentimentos se coletivizam na roda, sem perder a condução que se conecta as subjetividades de cada sujeito.

Miguel Arroyo (2001) “refere que a educação popular é a prática com base no diálogo, na convivência, na interação entre profissionais e população, por meio dos corpos, das falas, das culturas: matrizes fundamentais da nossa identidade”.

Sobre a relação da Educação Popular com a arte-cultura para Vasconcelos (2001), a educação popular oferece um instrumental fundamental para o desenvolvimento de novas relações, “por meio da ênfase ao diálogo, a valorização do saber popular e a busca de inserção na dinâmica local”, tendo a identidade cultural como base do processo educativo e compreendendo que o respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. As experiências de educação popular desenvolvidas por meio da arte-cultura proporcionam uma maior aproximação à humanização e à integralidade. (BRASIL, 2016, p.27).

Nesse roteiro, apresento um caminho de afetos e resistências que iniciou em 2002, como voluntária do Programa de Saúde Mental, partindo para a implantação dos CAPS no Seridó, a partir de 2005, o fechamento do Hospital Psiquiátrico Dr. Milton Marinho, em Caicó, em 2006 e teve seu ápice em 2018, no Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Foi lá, nos encontros realizados em Fortaleza, no Centro de Formação Frei Humberto, espaço destinado a iniciativas ligadas a organizações comunitárias do campo e da cidade, que compreendi a dimensão militante e libertadora das práticas de cuidado coletivo no SUS, de um fazer abraçado à Educação Popular como instrumento de luta e de transformação, de um fazer político pedagógico comprometido com a humanização, em todos os aspectos que possibilitem o protagonismo e a justiça social. Foi a partir do curso, uma década depois da minha inserção na saúde mental, que me reconheci educadora popular e compreendi criticamente a potencialidade dessa relação dialógica.

Muito embora o registro da potência de experiências, no âmbito da saúde mental no município de Currais Novos, esteja impresso nesse trabalho, é necessário destacar os retrocessos os quais a política de saúde mental brasileira vem sofrendo na última década, sobretudo a partir de 2015 quando o ministério interrompe a publicação regular de informações, desrespeitando à lei de transparência da informação e em 2017 com a Portaria nº 3.588, de 21 de dezembro de 2017, que, entre outras coisas, resgata e reforça o modelo hospitalocêntrico, através de experiências já superadas como Hospital Dia, CAPS AD IV e Comunidades Terapêuticas, trazendo à tona a cultura manicomial e fortalecendo práticas asilares, de isolamento e desrespeito às liberdades individuais, baseadas num lucro desenfreado a essas instituições e reinstaurando esse capítulo grotesco e desumano do enclausuramento da atenção à saúde mental. (Campos, 2019).

É nesse mergulho de reflexão crítica acerca da minha identidade profissional enquanto educadora popular que pretendo apresentar a potencialidade dialógica entre saúde mental, cultura e educação popular como instrumentos de transformação, num ritmo de troca democrática, coletiva, equânime e popular, desenhando uma grande ciranda do cuidado no município de Currais Novos-RN. Para isso, farei um recorte no ano de 2017, com a Educação Popular como base estruturante das ações coordenadas no CAPS Maria Vênus Cunha, que desembocaram na criação e implantação do Espaço

TERAPICS¹, Espaço de cuidado em práticas integrativas e populares em saúde onde o cuidado coletivo se tornou elemento condutor de proteção coletiva entre um grupo de mulheres imersas num processo de medicalização, de depressão, de violência e falta de estímulo.

Foi nessa experiência que as mulheres se revelaram como o fio condutor da experiência apresentada aqui, a partir de elementos como o afeto, a proteção e o fortalecimento de vínculos, desenhados nesse território marcado pela aridez, onde muitos caminhos se encontram na direção da resistência, como a seca, a espera, a fé, a criatividade e a ressignificação, todos se entrelaçando como um fino bordado alternando sua cor e sua forma numa arte ancestral muito bem arrematada com o presente.

Assim, entre pontos vazados e nós antepostos, a saúde mental se alinha numa produção de cuidado transformadora, libertária e dinâmica movimentando essa pequena cidade, marcada pelo tradicionalismo, pelo formato social branco e privilegiado, pelo machismo, racismo e por um provincianismo impactante na vida da população em situação de maior vulnerabilidade.

A implantação do Espaço Terapics é o resultado de experiências anteriores no CAPS Maria Vênus Cunha, que desde 2012 já realizava atividades de yoga, dança circular, auriculoterapia e musicoterapia. Em 2017, na condição de articuladora das Redes de Atenção à Saúde, e em especial, da RAPS e com o apoio de duas profissionais do CAPS, entre elas a companheira Renata Dantas e Iara Fernandes, iniciamos a construção identitária desse espaço de cuidado do qual me tornei gestora. Nesse movimento o cuidado coletivo entre mulheres se apresentou naturalmente como o principal viés da promoção da saúde daquele espaço que concentrava suas ações na Unidade Básica de Saúde Santa Maria Goretti, o bairro onde nasci e fui criada.

A extensão das PICS da saúde mental para uma unidade básica de saúde pode ser considerada como uma forma de resistência ao avanço monopolizador biomédico, uma reação social às mazelas medicalizantes da biomedicina e um sinal dos múltiplos sentidos e significados que a sociedade comporta para as questões da saúde-doença (TESSER; BARROS, 2008) (TESSER; NETO; CAMPOS, 2010).

¹ Espaço de cuidado em práticas integrativas e populares em saúde, implantado em 2017, sob a coordenação da Rede de Atenção Psicossocial, com práticas de Yoga, Reiki, Aromaterapia, Auriculoterapia, Dançaterapia, na perspectiva da desmedicalização dos psicotrópicos, saúde do trabalhador/a e saúde da pessoa idosa.

Consideramos o contexto do Seridó, marcado pela cultura da medicalização fortemente enraizada na população, onde se cria uma teia viciante, baseada no uso desenfreado de psicotrópicos, automedicação e uso inadequado das receitas de controle especial, onde a gestão do autocuidado se perde neste emaranhado de diagnósticos e adoecimentos. As práticas integrativas inauguram novos arranjos de saúde possibilitando o cuidado em sua integralidade e trazendo para o centro desta ciranda, o sujeito e sua subjetividade, onde este se torna protagonista e condutor do seu cuidado.

No âmbito do SUS as PICS foram incorporadas como práticas de cuidado em saúde através da Portaria nº 971 de 3 de maio de 2006 que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) (BRASIL, 2006). Suas abordagens ampliam a visão sobre o processo saúde-doença e a promoção do autocuidado, atendimento humanizado, de forma horizontal, em que o cuidado não se limita a intervenção medicamentosa, mas envolve abordagens que estimulam os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. (BRASIL, 2015).

Este trabalho parte da seguinte questão: como a relação dialógica entre a cultura e a saúde mental impacta na construção do cuidado coletivo entre mulheres? Dessa questão parte o objetivo geral que é identificar como se dá a interlocução entre educação popular e saúde mental no processo de construção do cuidado coletivo de um grupo de mulheres atendidas no Espaço Terapics, no município de Currais Novos/RN. Como objetivos específicos, buscamos identificar como as experiências de cuidado que ocorrem no Espaço Terapics dialogam com a cultura e a educação popular; compreender como as práticas desenvolvidas nesse espaço contribuem para o protagonismo das mulheres; analisar como a palavra, em suas mais variadas expressões, impacta na saúde e protagonismo das mulheres.

2. COLHEITA

*Ainda esperamos, coitados, as chuvas do céu,
quando deveríamos fazer chover no chão de caos e ilusão;
umedecer as pedras, fazendo-as verter poesia;
transformar em vida a energia do sol
em desperdício que hoje nos flagela e define*

Ray Lima

O trabalho proposto se traduz através de uma narrativa autobiográfica, partindo da leitura dos materiais produzidos na sistematização coletiva realizada como atividade do TCC do curso que foram o relatório de sistematização, cordel e poesias os quais tiveram a participação ativa das mulheres como forma de trazer à tona a memória do vivido. Além disso, trago a experiência vivida na condição de gestora do Espaço Terapics, através de conversas com as mulheres no decorrer das intervenções, de algumas participações no grupo de dança coordenado por Renata Dantas² das avaliações junto à equipe, também composta só por mulheres, e que se inseriu nos cuidados ofertados pelo espaço nos horários noturnos.

Esse atravessamento entre saúde mental, cultura e Educação Popular nos dá o mote para compreender a potencialidade do cuidado em saúde construído a muitas mãos, saberes e afetos, desembocando num aguaceiro de bemquerenças entre as mulheres envolvidas, cada uma entrelaçando sua identidade naquele bordado, na condição de cuidadora, de trabalhadora da UBS, de gestora ou de participante do grupo, não havia distinção nessa troca de experiência e de proteção e todas se interligavam nesse elo de respeito, doação e crescimento. As narrativas apresentadas se enredam como numa colcha de retalhos, aonde cada cor e cada desenho vão se unindo nesse costurado sentimental.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades. (SOUZA, 2007, p.65).

² Renata Dantas é psicóloga, mestre em Saúde Coletiva, com raízes seridoenses. Participou ativamente da construção e implantação do Espaço Terapics, além de ter composto a equipe técnica do CAPS Maria Vênus Cunha no período de 2016 a 2018.

As narrativas apresentadas aqui, se transfiguram em ciclos etários e geracionais, onde mulheres, em sua subjetividade e diversidade, se preenchem numa relação singular e simbólica de cuidado e proteção ligada a contextos similares de saúde mental, violências, negações e conectadas a uma construção de cuidado conectado à cultura e à educação popular. Nesse encontro e nesse tear narrativo, minha subjetividade também aflora através da imersão nessas experiências que tecem essa rede que para além do universo das mulheres do grupo, também é determinante para minha formação pessoal e profissional.

Acerca desse delineado narrativo autobiográfico Souza refere:

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA, 2007, p.69)

Essas narrativas me transportaram para uma conexão com minha ancestralidade e a relação com meu lugar no mundo. Partimos para a compreensão da dimensão desses saberes na construção de uma cultura do cuidado. Saímos da lógica individualista, isolada e rumamos para uma revoada onde a solidariedade, a troca e a amplitude da nossa existência no mundo se entrelaçaram numa fusão de energia e amorosidade.

Uma outra constatação importante, efetuada pela mediação da pesquisa com histórias de vida, evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade através de uma abordagem multireferencial que integra os diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, crenças religiosas, esotéricas), assim como as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sociohistóricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade. (Josso, 2007, p. 416)

3. TERRITÓRIO(LUZ)AÇÃO: A PALAVRA COMO DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS

*Escreverei com sangue
nas malhas desse planeta
O que não pude dizer
em vida:*

*Fui analfabeta
na chegada
e na saída.*

Iara Carvalho

A pequena cidade de Currais Novos está localizada na região do Seridó Oriental, Nordeste Brasileiro Segundo informações históricas disponibilizadas pelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Currais novos foi inicialmente habitada por índios cariris. Em seguida, no século XVIII inicia seu povoamento a partir do ciclo do gado. Conforme dados do último censo, realizado em 2010, o município possui 42.652 habitantes, sendo 37.777 da área urbana e 4.875 da área rural, tendo 52,2% de sua população do sexo feminino. Entre as faixas etárias dessas mulheres, destacam-se sendo 22,4% de 40 a 59 anos, 13,6% acima de 60 anos. (IBGE, 2019).

Com características climáticas bem peculiares onde se destacam altas temperaturas, baixa umidade, insolação considerável e índices pluviométricos escassos e irregulares, Currais Novos se destaca simbolicamente pela resistência. Seja pela espera sagrada da chegada da chuva, pelo aboio dos vaqueiros, a fé em Sant’Ana, pelos fios do algodão mocó, pela extração da chelita - grande dama do progresso currais-novense - ou por seu caldeirão cultural e criativo, promovendo um pacto imensurável de esperançamento em meio a tanta adversidade.

O CAPS “Maria Vênus Cunha, implantado em 2005, seguiu seu curso quebrando esse paradigma e abrindo possibilidades para encontros potentes de liberdade em todas as suas perspectivas humanas, num diálogo efervescente com a arte e cultura, promovendo a autonomia, o cuidado compartilhado em rede de apoio e o auto cuidado.

Nessa pluralidade, o CAPS Maria Vênus Cunha se destaca por ultrapassar seu limite geográfico e articular suas intervenções nos espaços comunitários, praças e territórios promovendo uma rede dialógica e cartográfica de cuidado, respeitando a diversidade comunitária presente, com base na Educação Popular e num diálogo

constante com a cultura, conduzindo as ações à um ritmo de protagonismo entre os usuários e usuárias, profissionais e estudantes, equipes de saúde e familiares, onde as ruas se tornaram o palco desse movimento vivo e dinâmico e a saúde mental se ampliou por todos os cantos.

Na compreensão de espaço apresentada neste trabalho, trago o olhar historiográfico do Seridó, apresentado pela autora Olívia Moraes de Medeiros Neta (2006), sob o viés do que ela chama de cartografia sentimental e que retrata um pouco da subjetividade do povo seridoense

Segundo esta autora,

O espaço é (de)marcado, é subjetivado, é praticado, é vivido... é produção; não existe um espaço a priori, todo ele é produto de uma construção; para o espaço também não existe uma forma definida, engessada, pois, sendo construção ele também o é reconstrução, é fluído; seja o espaço físico, o espaço corporal, o ciberespaço ou o espaço narrativo; estes são sempre passíveis de novas leituras.” (Neta, 2006, p. 4).

É a partir da construção desse espaço, da vivência, da experiência e da prática que quem nasce ou vive no Seridó aprende a se sustentar diante das agruras com uma leveza surreal. Como o minerador escavando a terra ou o agricultor à espera de água, as relações se transfiguram naquele calor de rachar a moleira, amarelo queimando qualquer cristão ou ateu. Ninguém escapa da espera que o Seridó traduz na gente.

Essa relação se sacramenta ao conceito de espaço trazido por Milton Santos nos estudos sobre a saúde do Brasil, “onde a saúde incorpora o conceito de espaço como um processo, uma construção social” (Monken, 2008, p.15 *apud* Santos, 1988).

Gondin e Monken apontam para o entendimento da territorialização como:

[...] um processo de habitar e vivenciar um território; uma técnica e um método de obtenção e análise de informações sobre as condições de vida e saúde de populações; um instrumento para se entender os contextos de uso do território em todos os níveis das atividades humanas (econômicas, sociais, culturais, políticos etc). (GONDIN E MONKEN, s/d).

Portanto, essa noção de território, segundo Monken, transitaria do político para o cultural, ou seja, “das fronteiras entre os povos aos limites do corpo e do afeto entre as pessoas”. Essa abordagem de território oferece novas perspectivas de análises em saúde

para a atenção básica e para o entendimento contextual do processo saúde-doença, principalmente em espaços comunitários. (MONKEN, 2008, p. 8).

"(...) Assim todo espaço geográfico populacional, portará uma história ecológica, biológica, econômica, comportamental, cultural, em síntese social, que necessariamente tem que orientar o conhecimento do processo saúde-doença". (Monken, 2008, p 15, apud Rojas, 1998).

Partindo para o contexto do município de Currais Novos, destaco o provincianismo herdado dos tempos de afortunamento da mineração. Isso implica num desassossego danado para os que pouco tem. Uma terra galêga sarará que insiste em disfarçar a negritude, a cigania e a assinatura indígena da sua ancestralidade. Pouca água, pouco emprego, mas abundância de elegância interiorana, de um não sei quê padronizado, de uma santa pomposa e festeira que atravessa todas as gerações padroeirando o aboiador, as benzedêras, as carolas e a Princesa do Seridó, bonita e xelitosa, querendo deixar no esquecimento a famosa Rua do Rosário, berço da boemia e dos amores perdidos, bêbados, mulheres da vida, num ziguezaguear de casas de jogos, beco da troca e feira coberta, transmutando as cores e diversidades da cidade real.

É dessa ciranda que nasce e se reinventa a literatura, a poesia, as artes plásticas e a música, rodopiando a vida da gente, como um banquete em dias de fartura. Mas também é desse cata-vento que os sensíveis, famintos, loucos e despadronizados se impactam entre a vegetação esturricada. Esses também, muito mais que os outros, esperam o “toque do cego das feiras nordestinas”, um milagre que os tire do lugar e o acinzentamento que por aqui, nem de longe, é prenúncio de tristeza. As cores esperadas são outras, que traduzam a infinitude de quem segue a leveza e se benze de chuva. Nessa espera aperreada os sujeitos mergulham num estado intenso de rupturas, num remancho tão demoroso que se implica em pequenos deslizos da alma, inquietações do espírito, desesperançamento ou... sêde. A falta d’água, ou a espera dela, funciona como um cerzir constante de pedras, cercas, açudes, poços, tudo se metamorfoseando no azul lilás que só podemos ver no céu do Seridó em fins de tarde.

Dessa engrenagem banguelosa, nasce um histórico processo de medicalização da vida, de hospitalização, de um desenfrear de diagnósticos dos mais variados, de exclusão, de violências, de um alto índice de suicídio, sobretudo entre idosos agricultores.

Nesses atravessamentos, feito açude quando corre arteiro em dia de sangramento, muitas experiências no cuidado em saúde seguem um fluxo contra-

correnteza, num desaguar de muitas histórias, bem feitas e querências, no tique tiquear das horas intermináveis, criativas e reinventantes da vida no Seridó. Nessas entrelinhas nascem, por exemplo, o Caps “Maria Vênus Cunha”, em 2005, e o Espaço ‘TERAPICS’, em 2017, num pequeno rebuliço que movimenta a cidade e carrega nos seus balaios um mundo fantástico de descobertas, enfrentamentos e resistências vividos por grupos de mulheres que reaprenderam a arte de se reinventar como num bordado.

Já na perspectiva do cuidado em saúde mental, Silva (ano) nos apresenta caminhos potentes que envolvem responsabilização e afeto numa prática de cuidado comprometida e implicada com o processo de saúde e doença dos sujeitos, que ocorrem por meio da arte, do trabalho vivo e da participação comunitária. (Silva, 2014, p.7)

Nesse encontro dialógico a palavra tornou-se um dos instrumentos mais intensos de imersão e protagonismo entre essas mulheres, sendo representada em rodas de conversa, diálogos corriqueiros em dias de encontro, poesias, cordéis e outros instrumentos onde a palavra era o ponto de partida do cuidado.

Sobre o poder da palavra, Freire (1987, p.13) traduz: “a palavra, por que lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo”.

Embora Freire refira-se ao processo de alfabetização, traduzo esse universo de descoberta e de protagonismo através da palavra na condução dos pactos de existência entre essas mulheres, num movimento singular e coletivo redefinindo o seu lugar no mundo, num processo de alfabetização da existência. Freire (1987, p.13) então traduz esse poder dizendo que os “alfabetizados partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras: são elas que geram o seu mundo”.

Nesse processo de diálogo entre a saúde mental, a cultura e a Educação Popular foi se estabelecendo um elo que simbolicamente nos apresentava a organicidade das relações sociais e estilos de vida, num roteiro de afetividade, força e proteção potente e resolutivo na vida daquelas mulheres, num desenho cartográfico sentimental, dinâmico e transformador que geravam novas conduções de vida.

Foi essa inquietude diante da diversidade cultural do semiárido seridoense, onde tudo se refaz e se ressignifica, onde a poesia pede passagem para a loucura e a dor ocuparem seu lugar nas praças, onde a relação com a terra e a água é sacramentada pela fé e pelo esperar, que cheguei ao ponto de partida desse trabalho, por meio do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios

Saudáveis na Convivência com o Semiárido. Foi aprendendo que meu fazer também está interligado com o meu lugar, com a minha terra. Foi me conectando com a aridez, com o esperar de chuva, em conexão com a água, o ar, os fatores climáticos do meu Seridó. Observando com mais atenção e respeito os ciclos da vegetação, dos rios, da seca, que compreendi que as relações pessoais são o reflexo desse encontro e reverberam com a mesma força e energia.

Assim a arte pediu passagem como instrumento de libertação e de autonomia no âmbito do cuidado através de uma rede de mulheres conectadas com sua ancestralidade e com o poder da proteção coletiva, como um elo sagrado de força e resistência que se perpetua de geração a geração. Assim como as cercas de pedra conduzindo o caminho nas estradas do Seridó, como o bordado caicoense, as queijeiras, as festas populares regadas de fervor, os dias de chuva comemoradas nas biqueiras e nas praças de Currais Novos - onde todos são iguais, sem distinção - no sangramento dos açudes em dias de invernia, no entardecer amarelo queimado com nuvens lilás que só o Seridó tem...assim é a tradução da palavra prima, onde a concretude da existência se alinha ao poder da humanidade e de sua relação com o universo, sabedor de todas as passagem.

Foi ali, na condição de gestora do Espaço Terapics e como discente do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido que essa reflexão crítica acerca do território me abraçou me conduzindo a uma compreensão baseada na amorosidade entre aquelas mulheres que no desenrolar dos dias e na construção daquele espaço de cuidado e bemfeitorias me conectou com minha própria essência. Foi acompanhando a companheira de curso, de luta e de profissão, Renata Dantas, ouvindo os depoimentos daquelas mulheres, testemunhando os elos se entrelaçarem entre elas e virando uma grande ciranda de afetos e cuidados, que entendi que para além das experiências clássicas de promoção à saúde, há um toró de possibilidade de produção de cuidados.

4. A PALAVRA POÉTICO-NARRATIVA-BULIÇOSA DO CUIDADO

*“[...] o amor se afeiçoa de mãos,
de mãos que clamam por mãos [...]”*

Ray Lima

A fazedura de uma ação-intervenção num dado território traduz muitas revelações, simbologias, metáforas e ritos sagrados, profanos e intempestivos. No Seridó então... quantos segredos, quantas estórias escondidas em botijas, relíquias muito bem guardadas e encantadas que só os corajosos se aventuraram a desencavá-las, certos do enriquecimento, da fartura e de uma felicidade plena.

Esse mesmo movimento se transfigura quando envolve pessoas, sobretudo mulheres. Há um enredar de novelo de lã. Linha e agulha juntas num eterno zigzaguear, mergulhando e voltando à superfície numa conexão consigo, com a outra e com o mundo, eternizando as ressignificações impostas por cada mergulho, por cada ponto desenhado, numa busca incessante pela felicidade.

Quantos desafios, quedas, enfrentamentos e conquistas se deram nesse processo até chegarmos à elaboração desse trabalho que, simbolicamente, representa o fechamento de um ciclo e o desabrochar de um novo. A Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido nos levou ao mergulho e à superfície muitas vezes, nos impulsionando a um partir e chegar, reinventando-se, à reflexão crítica subjetiva e coletiva de um atravessamento onde nenhuma de nós escaparia dessa grande ciranda do cuidado em saúde. Foi na Rede de Atenção Psicossocial, onde atuei como profissional e gestora, que eu e Renata Dantas, companheira de batalhas, projetos e tantas outras travessias, mergulhamos no desnovelar da especialização e na experiência aqui relatada.

Traçarei esse alinhavo narrativo seguindo o passo a passo proposto por Holliday (2006), através da sistematização de experiência que nos conduz a um exercício de reflexão crítica acerca da experiência vivida, costurando como esse processo me ajudou a definir os pontos da minha narrativa.

Contudo, no campo da Educação Popular e no trabalho em processos sociais, utilizamos o termo num sentido mais amplo. Referimo-nos não só a compilar e ordenar dados e informações, mas também a obter aprendizagens críticas a partir das nossas experiências. Como tal, não dizemos apenas “sistematização”, mas sim “sistematização de experiências” (HOLIDAY, 2006, p.15).

Holliday nos apresenta um guia de sistematização dividido em cinco tempos: o ponto de partida, as perguntas iniciais, a recuperação do processo vivido, a reflexões de fundo e os pontos de chegada. Traz como fundamentação a concepção metodológica dialética que conduzirá todo o processo aqui apresentado.

A Concepção Metodológica Dialética entende a realidade como um processo histórico. Nesse sentido, concebe a realidade como uma criação dos seres humanos que, com nossos pensamentos, sentimentos e ações, transformamos o mundo da natureza e construímos a história outorgando-lhe um sentido. (Holliday, 2006, p.46).

Metaforicamente apresentarei os cinco tempos comparando-os ao tempo de espera no Seridó, na sua relação com a terra, o vento, o sol e a água, em diálogo com o que o curso nos conduziu a pensar criticamente no âmbito da promoção de territórios saudáveis na convivência com o Semiárido.

4.1. O ponto de partida: o sol

*vamos pelo sol –
porém agora –
basta de doer em
desvarios – oh criatura
minha chaga
minha sara
minha surra
ninguém te segura*

Ray Lima



Figura 1 - cartografia CAPS
Fonte: arquivo da autora, 2018.

A sistematização na perspectiva do ponto de partida, segundo Holliday (2006), precisa contar com a participação, bem como ter registros da mesma, que, no caso deste trabalho, foi materializado através de registros fotográficos, poesias, cordel, registro audiovisual, desenhos e registros em diário. Nesse caso, o protagonismo da sistematização precisa ser dos participantes, reforça o autor.

Iniciamos o capítulo desse processo ao fim do primeiro módulo da especialização que nos impulsionou a voltar ao território onde demarcamos uma história intensa de afetos, munidas de um olhar novo, mergulhando e voltando à superfície, dessa vez exercendo um papel diferente do habitual naquele ambiente morada CAPS.

Foi lá que eu e Renata Dantas, juntas, realizamos o exercício da cartografia social, juntamente aos usuários, usuárias e profissionais. Como estratégia de direção e mote da nossa cartografia, conduzi uma oficina de contação de história, usando um barbante como fio condutor dessa cronologia, trazendo memórias afetivas desde a formação do CAPS, quando ainda era um serviço alternativo de saúde mental na Unidade Básica de Saúde no bairro Sílvio Bezerra de Melo. A construção da RAPS foi se dando em cada gesto e palavra. Destaque aos projetos conduzidos pelo CAPS com a participação da comunidade, as praças como espaço de liberdade de expressão, bem como os espaços sociais, culturais, educativos e religiosos que se agregavam ao movimento, fortalecendo a rede e diminuindo o preconceito.

Os relatos mais recorrentes diziam respeito aos espaços de lazer, sobretudo relacionados à dança e a música. Memórias dos tempos do “punk”, programa de fim de tarde de domingo que acontecia no Aero Clube³ nos anos 1980, num grande salão de dança, com jogo de luz característico das boates e que marcou uma geração. O elo com os tempos atuais se deu a partir da criação do projeto “Música e Arte na Praça”⁴ que acontece todas as quintas feiras e que se tornou o grande ponto de encontro, principalmente entre a faixa etária a partir dos 40 anos.

O caminho traçado na cartografia nos revelou questionamentos que levaram os participantes à reflexão acerca da promoção e produção de saúde e de cuidado alinhados à saúde mental. Questões como: Quais espaços poderiam ser potencializados? Quais não existiam mais e a comunidade gostaria de reativar? Que estratégias seriam possíveis para a reinvenção de novos espaços de promoção de vida, saúde e cuidado?

Além disso, o processo da cartografia nos impulsionou a pensar criticamente sobre nossa relação com os processos de reinvenção de cuidados na convivência com o semiárido. Como nossa relação com territórios saudáveis abraçava o semiárido como

³ O Aero Clube é caracterizado como uma associação privada, fundada em 27/01/1969. Foi o principal clube da cidade até o começo dos anos 90. Teve seu ápice durante a mineração e marcou a geração dos anos 80 na coordenação do “punk”, projeto musical similar às boates daquela época.

⁴ Projeto criado em 2017 e coordenado pelo instrumentista Chaguinha do Sax, ex integrante da Banda Tártaros, famosa banda baile de C. Novos, com sucesso nacional nos anos 70 e 80. O projeto destaca-se pelo repertório típico do cancionário popular dos anos 60-90, agradando todas as gerações e agregando uma média de 150 pessoas todas as tardes de quinta-feira na Praça Cristo Rei, Currais Novos.

parte disso? Como o semiárido, na sua formação cíclica nos conduzia a se reinventar ciclicamente também? A especialização me transmutava, me desconfigurava e reacendia em mim, esse laço com minha terra, refletindo minha relação com a cidade, com meu fazer profissional, com minhas relações sociais, geográficas, ecológicas e, sobretudo, e comigo mesma.

4.2. As perguntas iniciais: o cata-vento à espera de acontecimento

*Há uma terra árida
Que pulsa em mim
E me impulsiona
Para os cataventos...*

Paula Érica

Esse passo nasceu do entrelaçado entre a companheira Renata Dantas e eu, que juntas, precisávamos definir qual o compasso da nossa sistematização, considerando que partíamos da mesma experiência e uma vez que seguíamos na mesma linha de cuidado e de proteção, no desenrolar de uma prática profissional interligada por ações que seguiam o mesmo fluxo do vento. Coube aqui, definir e traduzir a subjetividade de cada autora, entendendo o entrecruzado dessa relação e o que cada uma trazia no seu baú de experienciamento, processo conduzido sensivelmente por nossa orientadora, outra mulher que com sua (re)existência chega junto dessa ciranda, desse ajuntamento feminino, num movimento circular de sentimentos e força.

Nessa fase estão localizados os objetivos deste trabalho. Holliday (2012) destaca que os critérios para a delimitação dependerão do objetivo definido, da consistência da experiência, dos participantes no processo, do contexto e da sua relevância.

As perguntas iniciais são o fio condutor desse bordado que me impulsionaram ao processo reflexivo acerca dessa imersão e de como ela me transbordava nesse inundamento de existencialismos. Aqui, nascem as primeiras experiências, escutas e terapêuticas promovidas pelo Espaço Terapics, com o olhar voltado aos objetivos dessa narrativa que se desenrolou no período de abril a dezembro de 2018, com um grupo de 8 mulheres que participavam de cuidados variados ofertados pelo Espaço (yoga, reiki, auriculoterapia, aromaterapia, lava pés e dançaterapia). Desde o adoecimento psíquico, luto, dores físicas, solidão, falta de perspectiva, desânimo à inexistência de prazer e

autoestima diante da vida, muitas histórias que surgiram eram decorrentes de relações aprisionantes - trabalho, casamento, machismo, exclusão na fase de envelhecimento, inexistência de vida social – que condicionaram todas aquelas mulheres a um longo processo de silenciamento, ao que Freire chamou de “cultura do silêncio”, gerada nas condições objetivas de uma realidade opressora. (Freire, 1981).

4.3. A recuperação do processo vivido: a chuva e o plantio

Por que intercruciar Poesia, Saúde Mental e Cultura?



Figura 4 - recuperação do processo vivido
Fonte: arquivo da autora, Praça Cristo Rei, 2018.

*Que venha a chuva
e banhe-me do clarão
vindo do céu
estou pronta
pra despencar...*

Paula Érica

Como poetisa, acredito no poder da palavra, das rimas, versos e prosas, entendendo que a partir do uso consciente da palavra o sujeito se coloca, segundo Freire, “em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra” (Freire, 1987, p.8).

Foram com as palavras, vivências e experiências que projetei 15 anos da minha vida no trabalho em Saúde Mental, 13 anos dedicados ao CAPS e Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Currais Novos-RN. No meu fazer profissional, sempre promovi essa relação com a cultura através da palavra, seja na oralidade, na produção literária, no coral “Experimentação” ou na rádio “Estação CAPS” que posteriormente se concretizou através do programa “Ouvindo Vozes” em 2017. Dos projetos coordenados,

alguns obtivemos premiações nacionais importantes, que resultaram nas edições do livro “Receituário do Bem” e dois cordéis, sendo o último resultado do “Prêmio de Literatura de Cordel Patativa do Assaré”.

As narrativas apresentadas aqui em formato poético respeitarão as identidades das mulheres, sendo conduzidas pelas histórias de vida apresentadas através de diálogos individuais, rodas de conversa ou a partir da minha participação nos cuidados em grupo realizados na yoga, lava pés e dançaterapia.

No total foram três encontros nas terapias grupais (yoga, lava pés e dançaterapia) e encontros individuais que partiam da avaliação crítica do cuidado promovido individual ou coletivamente, da autocrítica acerca do protagonismo diante da gestão do cuidado, do cuidado coletivo, do enfrentamento às violências e opressões, da desmedicalização da vida, da superação do luto, do encontro consigo mesma e com outras e de que como isso reverberava em novas formas de vida, de afeto e de cuidado em saúde.

O primeiro encontro, denominado círculo do cuidado e conduzido por Renata Dantas, trouxe a prática ancestral de lava-pés. Cada mulher levou uma bacia, flores, ervas entendendo que aquele movimento teria um exercício profundo de troca de cuidado. O ambiente, cuidadosamente preparado por um pequeno grupo de mulheres, me mostrava que aquele espaço já se consagrava como um sagrado feminino. No desenrolar da prática, o silêncio ali produzido - regado a flores, ervas e afetos, numa ambiência acolhedora e sentimental – se divergia do silenciamento tão arraigado no relato daquelas mulheres. O exercício do toque foi libertador, pois o pacto entre elas era que houvesse respeito e cuidado ao tocar umas as outras. Havia um tempo, disparado por Renata, onde as duplas se abraçavam, agradeciam e mudavam de lugar, num desenrolar de toques e cuidados entre o grupo que promovia uma conexão potente entre aquelas mulheres.



Figura 2 - lava pés

Fonte: arquivos da autora, 2018

As narrativas a seguir se traduzem por dois caminhos: a palavra- inspiração, surgida a partir dos diálogos com as mulheres e de como elas se traduziam na ocasião do círculos de cultura e a síntese poética dessa experiência, a qual nomeiei de “**palavra poético-narrativa-buliçosa do cuidado**”. A identidade das mulheres será preservada. Destaco apenas algumas das principais queixas que as levaram a procurar e se inserir nos cuidados do Terapics.

A Solidão: sofrer de solidão é estar em constante desesperança. Essa solidão dorida, arregaçada, que fiska a gente todo fim de tarde. Estar só, no sentido literal que a palavra se apresenta, é como estar exilado numa ilha deserta. É como partir e nunca chegar. Quantos adoecimentos carregados de profunda dor tiveram seu começo na solidão! No debruçar da palavra retraída da primeira mulher com quem conversei, havia muito de desterro. Após anos dedicados a cuidar dos outros, se deu conta que não havia companhia alguma que lhe preenchesse. Sentia-se expatriada, mufina, precisada de uma fresta de luz.

Cada passo dado entre as terapêuticas daquele lugar “abençoado” se desdobravam em conexões límpidas de calor e abraço que desaguavam para os encontros culturais realizados na praça. A ilha virara praia em dia de domingo. E o exílio se converteu em passarinhada em sintonia, num entardecer morninho.

TARDEZINHA

*eram sequiosos meus dias
não cabiam alegrias poucas
vazia de direções*

*sonhos murchos espalhados pela casa
um dia, me deixei entardecer
cobri-me de luz quentinha amarelando tudo...
sou pura ventania,
rodopiando minha passagem por todos os cantos.*

Paula Érica, 2018.

A dor física imensurável: as pessoas atormentadas por dores intensas, de qualquer natureza, estão habituadas com o des(esperar) da morte. É como estar acorrentado vendo o mar, ser esmagado todos os dias por um trem, precisar trilhar uma estrada em brasas todas as noites. A dor da fibromialgia, diferente do que se supõe não é só física. Ela dilacera o que há de melhor na gente, engole o amor, a alegria e a esperança. Faz-nos mergulhar num processo medicamentoso quase que sem volta. Uma verdadeira bodega de fármacos para todo tipo de mazela provocada por essa doença incapacitante.

A segunda mulher com quem dialoguei trazia esse diagnóstico. Referiu dores insuportáveis que a levaram, muitas vezes, a preferir a morte. Surpreendeu toda a categoria de especialistas médicos que a atendiam e a desenganavam. Nossas conversas eram individuais. Não se adaptava aos cuidados coletivos. Foi inserida na auriculoterapia e aromaterapia. Meses após sua chegada, “milagrosamente”, segundo ela, não andava mais de bengala, iniciou um processo de desmedicalização, em parceria com seus médicos, que “não entendiam o poder desse suposto tratamento”. Amanheci!

MANHECENÇA

*tinha ossos esmagados todas as manhãs
elefantes pisavam meus braços, pernas, ventre...
esperança atropelada por caminhão pipa
um passo a frente, bengaloso e desequilibrado
e uma ponte se erguia*

*sou puramente sol, espelho d'água em enchente
hei de colher manhãs bicicletando a vida.*

Paula Érica, 2018.

O segundo encontro foi no cuidado de yoga, conduzido pela terapeuta Monique Galvão. Nesse caso o grupo era bem maior, numa média de 25 mulheres. Os

encontros aconteciam em fim de tarde e acolhiam trabalhadoras das mais variadas áreas: educação, saúde, cultura, finanças. Além de muitas idosas, donas de casa, em sua maioria com uma sucessão de diagnósticos e de uso desenfreado de medicações, sobretudo os psicotrópicos. A terapia promovia uma relação mais potente entre elas e o mundo, a natureza, seu corpo e equilíbrio. Os elos criados eram tão potentes que uma dava força a outra diante de uma dificuldade com alguma posição orientada pela terapeuta. A partir dali nasceram novas relações que se fortaleceram no decorrer dos meses. Parte do grupo se encontrava no projeto musical da praça que acontecia todas as quintas e que virou o ponto de encontro entre elas.



Figura 3 TERAPICS – Yoga

Fonte: arquivo da autora, 2018

Luto: os impactos de um luto são incalculáveis. Feito goteira em dia de toró, tudo se inunda. As alegrias e contentamentos, em muitos casos, dão lugar ao esmorecimento, ao banzo. Alguns diagnósticos se anunciam, pois a dor da perda pode ser profunda e sem volta. Imagina quando se perde “o grande amor de sua vida”, depois de 40 anos de convivência e compartilhamento de chamegos, conversas na calçada, planos de uma velhice tranquila. Os calafrios de uma perda dessa amplitude levaram a minha terceira convidada a ter picos hipertensivos frequentes, com uma entrada na UTI e sucessivas idas ao hospital, com riscos iminentes de um AVC. Beirou à loucura! É como membro amputado, vegetação em estado de seca agonizante de água. Os círculos de cultura lhe salvaram à vida. Foi através deles que se reergueu. Além da yoga,

participava da auriculoterapia e aromaterapia e nunca mais perdera uma quinta feira na praça, encangada pelas amigas e parceiras.

ESTRELADA

*era puramente pó
não cabia em mim
nenhuma fresta sequer
alma doída, amputada
morte anunciada*

*virei bailarina,
cantora de rádio
subi no meu palco
e dei o meu show
agora sou estrela luminosa
em dia de festa de São João.*

Paula Érica, 2018.

A voz da opressão: nada mais dorido para um passarinho que ter as asas cortadas pouco antes de alçar o seu primeiro voo; ou uma lagarta ser devorada dentro do casulo, prestes a virar borboleta. Assim é a força violenta da opressão. Aprisiona, atormenta, enclausura, arranca e devora qualquer fio de esperança. Depois de duas décadas de maus tratos, o medo de escapar torna-se tão grande quanto à violência sofrida. No caso de algumas, muitas, mulheres, a opressão já é companheira desde a infância, com relações desiguais na família, proibições, castigos... tudo em nome de uma suposta educação que nos protegerá. Assim vivia a quarta mulher com quem tive a alegria de compartilhar cuidados. “vivo esperando um pé de vento me levar”.

BRISA

*a escuridão me abraçava desde a infância
era labirinto, calabouço, porão
dias acorrentados, noites calafrias
não me resguardava, me aprisionava*

*a brisa sussurrou no meu ouvido:
“vai, mulher, e ouça o teu grito. Ele te libertará!”*

*muros labirintosos caíram
calabouços foram invadidos de sol
meu porão floresceu em margaridas*

sou arribaçã em revoada!

Paula Érica, 2018.

Nesse tempo, está localizado o fio condutor do processo, o momento do olhar panorâmico da arte produzida, com um distanciamento que permita rever e apreciar a experiência vivida. Trata-se de fazer uma reconstrução ordenada daquilo que sucedeu na experiência, normalmente de forma cronológica e dentro do período de tempo delimitado (HOLLIDAY, 2006).

Algumas técnicas gráficas são permitidas, como a linha do tempo, narrativas, contos, histórias, cordel, poesia.

Trago os círculos de cultura como elemento fundamental e impulsionador para o fortalecimento do grupo, empoderamento feminino e protagonismo no processo de construção de práticas de cuidado para além da permanência do grupo pós-experiência. Os encontros na praça todas as quintas tornou-se o arremate dessa produção de cuidado em saúde mental em diálogo com a cultura.

O círculo de cultura apresentado pelo método Paulo Freire, revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo. (Freire, 1987, p.11).

A partir dos círculos de cultura propostos pelos cuidados conduzidos pelo Terapics, os grupos foram se afinando e criando elos importantes, de mãos dadas na direção da retomada de um sentido, uma direção democrática e repleta de revoluções.

Para Dantas, os círculos de cultura se “fundamentam em uma proposta pedagógica cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinados contextos”. (DANTAS, 2010, p.39).

Acerca do círculo de cultura e de sua relação com o diálogo e a fala, Dantas refere:

O círculo de cultura na qualidade espaciotemporal de socialização e de problematização, caracteriza-se como *locus* privilegiado de comunicação-

discussão embasadas no diálogo que se firma da fala, que por sua vez, se fundamenta nas experiências dos atores-sujeitos e na produção teórica da educação e da escuta, a qual se orienta pelo desejo de cada um e cada uma aprenderem as falas do outro e da outra problematizando-a e problematizando-se. (Dantas, 2010, p. 40).

5. AS REFLEXÕES DE FUNDO: a colheita, o tempo de fartura...

*É imprescindível e inevitável que sejamos filósofos.
Filósofos de nós mesmos.
Criadores e semeadores da nossa própria filosofia.
Recriadores confessos do nosso rosto.
Decoradores do espaço reservado à nossa causa.
Defensores incessantes do grito de liberdade,
do motivo do nosso choro, da grife do nosso riso.*

Ray Lima

As reflexões de fundo trazem o mergulho no processo, onde devemos responder “por que é que aconteceu da forma que aconteceu?” Holliday (2016).

Como quem tece um fino bordado, é nessa fase que entre gerações, a arte é ensinada de mãe pra filha com a dura tarefa do olhar crítico acerca da arte produzida e da qualidade da peça, onde a reflexão se debruça ao valor ancestral herdado em cada ponto, respeitando a temporalidade e suas etapas nesse entrelace de afeto e de criatividade. Essa fase Holliday define como “o momento de confrontar as descobertas com outras experiências e estabelecer relações” (Holliday, 2016).

Nesse transbordamento, a palavra se faz potencia e cria um elo profundo de união e conciliação individual e coletiva, numa comunhão atemporal e sagrada. O uso da palavra assume o protagonismo e desagua numa correnteza de esperançamento e amorosidade, num ciclo de produção de bem aventuranças, onde nada nem ninguém conseguirá romper, mesmo num sistema opressor, padronizado e segregador ao qual essas mulheres pertencem. E é através da certeza de pertencimento que a fronteira da exclusão será ultrapassada, onde os territórios terão a voz e dinamicidade dantes imperceptíveis.

É nessa travessia que são avaliados o movimento da chuva ou da falta dela. Houve trovões, relâmpagos rasgaram o céu? Quanto custou esse atravessamento? Foi a nado, de barco ou não havia água e deu pra atravessar à pé?

A palavra aqui construída, cata-venteia tudo, seguindo o fluxo da natureza das coisas e criando vida na sua passagem.

Insônia: o peso da insônia, insistente e demorosa, é tão intensa quanto toneladas nos cílios. Mesmo que haja doçura e esperarçar, tudo se esparrama. As rasga-mortalhas devem compartilhar dessa agonia. Agourentas e noturnas amedrontam com seu rasgado que não passa de aperreio de quem quer tirar um breve cochilo. As noites são silenciosas, solitárias, mas pavorosas para quem não dorme. A gente aprende que o despertar do dia será muito mais atormentador, pois haveremos de cuidar da rotina, da família. E assim, o relógio torna-se um castigo para quem não sabe anoitecer. Assim ser revela a quinta e última das mulheres que desarnou a falar.

“nunca na vida fui cuidada assim. Não imaginava que pudesse existir amor, bondade e cuidado assim. Minha gratidão será para sempre”, assim me disse ela em um dos diálogos.

ENLUARADA

*De toneladas nos passos
minguava na noite fria
crescia de dor e medo
era cheia de agonia
de lua em lua, acordada
era toda eclipsada
sonolenta pelo dia
sou de ciclos e de fases,
de movimento constante
tomada de translação
pela luz do sol distante
as vezes ensimesmada
em rotação mergulhada
pelo meu eixo pulsante
a cada 28 dias
minha forma é transmutada
terminei virando nova
mais forte e empoderada
sou minha revolução
ligada à terra e ao chão
sou mulher reinventada!*

Paula Érica, 2018.

6. OS PONTOS DE CHEGADA: o festejo, a gratidão...



Figura 5 Inspiração na Praça
Fonte: arquivos da autora, 2018

*Precisamos estar sempre dispostos a corrigir nossos costumes
a mergulhar no abissal dos nossos valores culturais
para que venhamos festejar nossa vanguarda
e celebrar a estética do brilho estelar da nossa alma*

*A estiagem haverá ser o nosso eterno objeto de estudo
e a resistência nosso princípio nossa viagem.*

Ray Lima (in Nhandupoiema – Queima Bucha 1994 – Mossoró – RN – Brasil).

Eis a derradeira, mas não definitiva etapa. Onde nos debruçamos sobre o campo verde, a terra fértil, açudes sangrando, feiras pipando de produções agrícolas, mesas fartas, terra antes rachada, agora amolecida, feijão verde se esparramando no chão. No Seridó, é tempo de esperançamentos, de agradecer a Sant’Ana pelo milagre do pão. Procissões, promessas pagas, novenário em ação...a fé e a felicidade se abraçam nesse ritual secular, num sincretismo onde todos se encaixam, sem distinção.

Na proposta metodológica de Holliday (2006) é tempo de síntese e reflexão do experienciar e para, além disso, do socializar a aprendizagem. Há um caminhar cronológico e sentimental onde nos debruçamos sobre o movimento de forças e fragilidades enfrentadas no caminho e sobre novas pontes e travessias desenhadas e possíveis de serem transitadas. É o tempo de revoada, de reverberar as experiências por outros rumos, novos, e igualmente potentes. Como arribações encangadas numa avoação rítmica e sincronizada, num ajuntamento afetivo e generoso.

As conclusões teóricas poderão ser formulações conceituais surgidas diretamente do refletido a partir da experiência. Estas formulações deverão relacionar-se com as formulações teóricas cunhadas pelo saber constituído, estabelecendo um diálogo de mútuo enriquecimento (Holliday, 2006, p.91).

Como uma gira, um xirê, uma ciranda, circulamos, mas voltamos ao mesmo lugar, ao ponto de encontro, porém, sendo e deixando de ser constante, sendo sempre uma novidade, seguindo um movimento onde passamos pelo mesmo lugar, mas não sendo a mesma pessoa, seguindo um fluxo de mudança e de transformação, sem perder de vista a essência, o miolo.

A arte, traduzida pela poesia do afeto aqui produzida, bem como pelo projeto “Música e arte na praça”, pelos círculos de cultura e de cuidado promovidos pelo Espaço Terapics, simbolizam a linha que teceu esse grande bordado de reinvenções e ressignificações entre a saúde mental, a cultura e a Educação Popular, construindo um enredo de protagonismo entre essas mulheres que servirão de pano de fundo, de cenário e de miudezas cuidadosas, buliçosas, críticas e conscientes desse eterno movimento de cuidado.

E assim, a sonhação de um grupo de mulheres, gestoras e profissionais da RAPS de uma pequena cidade do Seridó potiguar, fura o bloqueio do comodismo, do engessamento, da diferença, do machismo e reverbera ações protagonizadoras, numa artefania de cuidado de si e da outra cheia de humanização e acolhimento, promovendo um encontro com outro grupo de mulheres que imprimiu a força desse trabalho, carregado de esperançamento.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência que se vem fazendo permanente na história que fazemos e nos faz e re-faz.. (Freire, 1992, p.51).

Como uma colcha de retalhos, cuidadosamente desenhada e costurada, perpetuando uma herança milenar das nossas ancestrais, a artefania de cuidado construída nessa experiência do Espaço Terapics entre mulheres em condições de sofrimento psíquico, se traduz num desvelar de afetos, proteções e ressurgimentos frente

às imersões promovidas, individual e coletivamente, num aprendizado incessante que se deixava levar pelo movimento do vento.

A cultura, saúde mental e Educação Popular nos atravessavam num buliçoso ir e vir de produção de saberes e cuidados coletivos, em sincronia com nossos antepassados e conectados os desafios da alma, da subjetividade humana, do existenciar(si) amplo e renovado a cada experiência crítica que nos tomava de sobressalto.

Os objetivos trançados entre os fios dessa narrativa se intercalam numa banguelosa formação em que a palavra interage com a métrica e a rima, e onde o pé quebrado não tem vez. Tudo se harmoniza, mesmo que haja dor, pois tudo é compartilhado, acolhido, suavizado entre as estrofes desses versos.

O ano de 2018 me trouxe travessias importantes. Primeiro, através da imersão no Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, onde segui o fluxo de um fazer comprometido, sobretudo, com o meu lugar no mundo através da relação com minha terra Seridó e do batismo simbólico enquanto educadora popular. Esse elo sagrado de bemquerença me transportou ao reconhecimento desse valor e me fez entender criticamente como o cuidado construído coletivamente entre mulheres e para mulheres, submergia das profundezas da nossa existência, num elo sagrado de amorosidade.

Segundo, por que foi em dezembro desse mesmo ano, que um ciclo se fechou para mim e a companheira Renata Dantas, muito embora entendamos que ciclos vão e vêm, seguindo o rodopiar do movimento vital do universo. Eu, decidindo migrar para outras terras onde pretendia desenhar novos caminhos. Renata, voltando para casa, por condições mais adversas, pois os contatos trabalhistas da Secretaria Municipal de Currais Novos seriam suspensos até o ano seguinte, bem como os atendimentos do Espaço Terapics, sem, contudo, por fim ao movimento.

Por fim, como a força da natureza testemunhada no poder cíclico da lua, no desenfrear do sol quando se prepara pra nascer e se por, do movimento da água em sangramento de açude, da chuva quando chega estrondante e maluvida...assim se tornou o poder daquelas mulheres, transversalizando seus cuidados numa relação potente e inquebrável, consciente e certa de sua direção.

E embora saibamos que a chegada da estiagem não tardará, aprendemos a resistir como cigarras que esperam meses em baixo da terra e ressuscitam, voltando à superfície e seguindo sua cantoria. Assim é a arte da resistência no Seridó potiguar. Assim é a cultura da reinvenção, criadora e recriadora do existenciar(si), num movimento

profundo de florescimento, mesmo que em dias secos e quentes. Como o cardeiro, adaptável às condições climáticas do Semiárido, fulorecendo e restaurando o solo, servindo de alimento e tantas funções naturais, carregado de reinventamento e força.

As mulheres presentes nesse trabalho, desde usuárias, trabalhadoras, gestoras, orientadora e co-orientadora se fundem nesse batismo sagrado de terra seca, quente, fértil e adaptável, ajuntadas nesse bioma da caatinga, remanchoso, lírico, poético e insistente.

*Nessa sonhação de se saber vento,
bebedoras de sua raiz terra
e banhadas pela liquidez subterrânea,
superamos os dissabores da espera,
guardiãs de bem querenças e cuidados,
num ritmo circular, místico e ancestral
de um ir e vir amoroso e libertador.
Somos catingueiras!*

Paula Érica, 2020.

BEM VIVENÇA DO CUIDAR

I

SUStentem os varais das horas
Ultrapassem a linha da dor
Costurem ventos de afetos
Encarem seu dissabor
Traduzam a palavra existência
Sacramentem sua essência
Reinventem sua cor

III

O alinhavo inicia
Através do seu trançado
Que se mistura nas mãos
Por dedos entrelaçados

II

O caminho aqui tracejado
É composto por histórias
De sertanejas mulheres
Com suas perdas e glórias
Com seus medos, opressões
Amores, sonhos, paixões
Lembranças e trajetórias

IV

A cada história contada
Uma lágrima descia
Dona Rita enviuvava
De dor, quase enlouquecia

E com arte delicada
A forma bem rebuscada
Vai mostrando o desenhado

V

Mara, uma jovem nervosa
Via bichos pelos cantos
Francisca sofria calada
Ensimesmada em seus prantos
Judite era tão sozinha
Sem filho, marido ou vizinha
Que lhe trouxesse acalanto

VII

Mas também tinha as idosas
Com seus causos e doçuras
Umhas com dores nos ossos
Outras cheias de aventuras
Um otimismo constante
Um brilho contagiante
De sabedoria e ternura

IV

Todas aquelas histórias
Foram criando laços
Fortalecendo amizades
Fé em novos abraços
A cultura na cidade
Foi conduzindo a passagem
Norteando novos passos

XI

Dona Rita, toda prosa
Do luto se libertou
Rosinha perdeu o medo
A rosa lhe enfeitou
Os bichos que Mara via
Assim, da noite pro dia
Tudin o beco pegou

XIII

Das idosas nem te falo
Eram as mais animadinhas
Tudin no mei do salão
Dançando suas valsinhas

Rosinha era tão medrosa
Que tinha medo da rosa
Que no seu jardim nascia

VI

Raquel tinha depressão
A insônia atormentava Dilmar
Dona Zica compulsiva
Fabiana, bipolar
Era tanto diagnóstico
E tanto psicotrópico
Que não dava pra contar

VIII

O coletivo criado
Promoveu grandes mudanças
Com muitos protagonismos
Força, saúde, esperança
Amor, fé e alegria
De tudo no grupo cabia
E terminava com dança

X

A música e a poesia
Ritmaram o contratempo
Trouxeram o horizonte
Que se perdera no vento
A praça deu vez à dança
Onde velhos e crianças
Eternizavam o momento

XII

Francisca ficou falante
Nem dava pra acreditar
Judite muito arrumada
Toda feliz com seu par
Raquel era uma alegria
Dilmar na mesa dormia
Pra Dona Zica cantar

XIV

Porém, como toda história
nos traz uma grande lição
Dificuldade, aperreio
peleja, medo, aflição

Forró, rock, samba e arrocha
Num tinha fogo de tocha
Que cansasse essas veinha

XV

O Espaço Terapics
Trouxe grandes desafios
De conduzir os cuidados
Por outras águas de rios
Andando na contramão
Desconstruindo a lição
Que há tempos só traz vazios

XVII

Sem material algum
Reinventando o cuidado
Fortalecendo saberes
Construindo aprendizado
Fomentando coletivos
Serviços resolutivos
Espaços valorizados

Muita fé e insistencia
Afeto, amor, persistência
Coragem no coração

XVI

O CAPS, outro parceiro
Ajudou na condução
Carregado de história
Nos tirou da contramão
Ensinando que a arte
Pode estar em toda parte
Desarumando a razão

XVIII

De ciranda em ciranda
A vida foi se ajeitando
As mulheres bem mais fortes
Os dias reinventando
Superando os dissabores
Com bem querenças e amores
Um das outras cuidando.

(Relatório de Sistematização, 2019).

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. & COSTA, A. M.(2012). Diversidade, Cultura e Saúde. Rio de Janeiro: Cebes.

AMARANTE, P.& TORRE, E.H.G. (2017). Loucura e Diversidade Cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. Interface: Comunicação, Saúde e Educação, 21(63), 763-774.

AMORIM, A.K.M.A.; SEVERO, A. K. S. Saúde Mental, cultura e arte: discutindo a reinserção social de usuários da Rede de Atenção Psicossocial. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 12(2), 2019, 282-299.

ARROYO, M. G. Ofício de Mestre: imagens e auto imagens. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União. 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília-DF, 2006.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso / Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica, 2. ed. Brasília : Ministério da saúde, 2015.

CHAUI, M. Cultura e democracia . En: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires : CLACSO, 2008-. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>

DANTAS, V. L. A. Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza/ CE. Tese [Doutorado em Educação]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Editora: Paz e Terra, 17ª edição, Rio de Janeiro, 1987.

_____. *Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo*. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963

GONDIM, M. M. G; MONKEN, M. *Territorialização em saúde*. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tersau.html>. Acesso em 31 de julho de 2020.

HOLLIDAY, O. J. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed. rev. Brasília: MMA, 2006.

HOLLIDAY, O. J. *A sistematização de experiências, prática e teoria: para outros mundos possíveis*. Tradução de Luciana Gafrée e Sílvia Pinevro; colaboração Elza Maria Fonseca Falkenbach. Brasília: CONTAG, 2012.

IBGE. *Informações Completas*. [Internet]. [acesso em 2010 07 ago]. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/currais-novos/pesquisa/23/27652?indicador=22353>

JOSSO, M.C. *Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p.413-438, set/dez.2007*.

MEDEIROS NETA, O. M. de. *Escrita (de)marca espaços. A historiografia e a produção do Seridó potiguar*. Revista História Hoje (SãoPaulo), v. 4, p. 1-23, 2006.

MONKEN M, Peiter P, Barcellos C, Iñiguez Rojas L, Navarro MBMA, Gondim GMM, Gracie R. *O Território na Saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente*. In: Miranda AC, Barcellos C, Moreira JC, Monken M, organizadores. *Território, Ambiente e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008. p. 1-20.

ONOCKO-CAMPOS, R.T. *Espaço Temático: Saúde Mental no Brasil: Avanços e Retrocessos*. Cad. Saúde Pública 2019; 35(11):e00156119.

PELOSO, R. Aprendendo e ensinando uma nova lição: educação popular e metodologia popular. Fortaleza: Adital, 2005. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=15207>. Acesso em: 7 out. 2015.

SANTOS M, 1988. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: Hucitec.

SILVA, R.C.D. da. Além dos muros do Caps: reinventando o cuidado em saúde mental. Ceará, 2014, p.1-43.

SOUZA, E. C. de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Memórias e formação de professores [online]. Salvador:EDUFBA,2007.

TESSER, C.D; SOUSA, I.M.C. Atenção Primária, Atenção psicossocial, Práticas Integrativas e Complementares e suas afinidades eletivas. Saud. Soc. São Paulo, v.21, n.2, p. 336-350, 2012.

TESSER, C.D; NETO P.P; CAMPOS, G.W. Acolhimento e (des)medicalização social: um desafio para as equipes de saúde da família, Ciência & Saúde Coletiva, 15(Supl. 3):3615-3624, 2010.

TESSER, C.D; BARROS, N.F. Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. Ver. Saúd. Publica; 42 (5): 914-20, 2008.

VASCONCELOS, E. M. A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.